SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVIII • JULHO DE 1972 • N.º 327

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

No 4.º centenário de «Os Lusíadas»

Pelo Prof. A. ÁLVARO DÓRIA

Foi há 400 anos que da oficina de António Gonçalves Impressor saiu pela primeira vez uma obra que passou totalmente despercebida e iria merecer ao autor, também desconhecido, uma «tença» (diríamos hoje uma «pensão») de 15$000 réis por ano: *Os Lusíadas*. É portanto o 4.º centenário dessa obra, uma das espécies cimeiras na literatura mundial, que Portugal está a comemorar.

Seja qual for o juízo que se possa fazer acerca do poema célebre — que teve críticos severos como Voltaire em França e António Feliciano de Castilho entre nós — não há negar que, independentemente do seu valor literário, *Os Lusíadas* tiveram o condão de servir de catalizador das aspirações autonomistas durante os 60 anos do domínio espanhol e foram, pelos séculos fora, livro de cabeceira de muitos sebastianistas, a sonharem com o regresso do rei devaneador, morto na planície adusta de Alcácer Quibir, nessa tarde fatídica de 4 de Agosto de 1578. Eis por que a retórica oficial vem, de há cem anos a esta parte, a chamar ao poema a «Bíblia da Pátria».

Foi à volta do nome de Camões e do seu livro célebre que em 1880, ao comemorar-se o 3.º centenário da morte do Poeta, se congregaram todos os oposicionistas ao regime do tempo, considerado então na sua extrema decadência. Mas à parte o aspecto político que nesse tempo se imprimiu às comemorações, serviram estas para reavivar o nome de Camões, bastante esquecido das gentes e apenas evocado em histórias literárias.

Preito e homenagem se deve a Teófilo Braga, o dinamizador da ideia, que, sem o seu entusiasmo e actividade febril, jamais poderia ter realidade. E desde aí foi Camões aquela figura sobre que ele mais demoradamente se debruçou, embora nem sempre sejam de aceitar sem discussão as suas conclusões.

Gratidão é devida também ao grande Garrett que, nos alvores do nosso Romantismo, reavivou no espírito dos portugueses o nome, a vida e a obra do grande vate de Quinhentos com o seu poema *Camões*, cujas notas ainda hoje se podem aceitar.

Mas à obra célebre aconteceu um percalço que ninguém poderia ter suspeitado quando há 92 anos nascia o chamado «culto camoniano»: passou, neste século, a fazer parte dos programas do ensino liceal, desde então se tornando no suplício e no tormento de numerosíssimas gerações de jovens, obrigados a analisar uma obra que ainda hoje oferece aos eruditos e aos estudiosos mais do que um motivo para dúvidas.

Só um espírito alheio às realidades da Pedagogia, à psicologia dos adolescentes e ignorante do contexto do poema, poderia ter a peregrina ideia de obrigar jovens entre os 13 e os 15 anos a fazerem a análise gramatical e lógica duma obra escrita nos meados do século XVI, em língua ainda em fase de transição para o português moderno, eivada de latinismos introduzidos pelo próprio poeta e recheada de alusões mitológicas completamente incompreensíveis por parte dos pobres estudantes para quem a Mitologia greco-romana era uma autêntica charada.

Daqui um movimento de aversão que passou de geração em geração, persistindo mesmo em muitos casos na idade adulta, pelo que o livro, que é o orgulho da nossa literatura, veio, paradoxalmente, a ser detestado precisamente por aqueles que mais o deviam admirar.

Oferecem assim *Os Lusíadas* tanta dificuldade a quem os quiser abordar? Como se explica a sua sobrevivência ao fim de quatro séculos após a sua 1.ª edição? Valerá

Continua na pág. 2

A MORTE DO DUQUE DE WINDSOR

A morte do Duque de Windsor representa para os escoteiros a perda de um amigo, pois foi um homem que sempre soube dignificar o nosso movimento.

São vários os testemunhos de interesse deste príncipe pelo escotismo, a cujas fileiras pertenceu.

A fotografia mostra o então Príncipe de Gales, com o uniforme escotista, visitando o Jamboree de Birkenhead, que se realizou em 1929. À sua direita, vê-se o Coronel Wilson e, à esquerda, Baden-Powell. Três homens que os escoteiros jamais esquecerão.

(Ler notícia circunstanciada na 4.ª página).



No 4.º centenário de «Os Lusíadas»

Continuação da pág. 1

a pena à juventude de hoje perder algum tempo com obra tão antiga, quando há tantas outras de autores mais modernos capazes de interessarem esses jovens?

O poema, para se compreender, tem de se considerar enquadrado no grande movimento renascentista, que fora inaugurado dois séculos antes com o livro célebre de Dante, depois do qual houve proliferação excessiva de poemas épicos, particularmente em Portugal, onde depois da publicação de *Os Lusíadas* viram a luz mais de vinte obras no género.

Camões, como bom poeta do Renascimento, admirava a Antiguidade greco-romana, tendo sido essa admiração que o levou a crer piamente que os Portugueses eram os continuadores da gesta dos antigos e a admitir que chegassem mesmo a superá-la extraordinàriamente:

Cesse tudo o que a musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Olhando à sua volta, sentia o poeta a atmosfera morna de uma decadência progressiva, que se afundava no luxo, nos prazeres e nos vícios, o que, por reflexo, o fazia olhar o passado, a época feliz em que o povo humilde dos mesteirais e dos pé-terra, inflamados de amor pátrio, à voz de Nun'Álvares havia desbaratado o rei de Leão-Castela. No tempo de Camões, então um velho precoce, valetudinário e alquebrado, o país estava mergulhado:

no gosto da cobiça, e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.

E, desiludido como estava, pràticamente um pária dessa sociedade brilhante que ficaria estendida nas areias africanas ou vegetaria nas masmorras de Fez, o Poeta ergue à sua pátria um hino heróico, na esperança de a fazer despertar dessa sonolência, de que só despertaria 60 anos mais tarde. Esse o espírito de *Os Lusíadas*.

Sacrificando ao gosto do tempo, encheu a sua obra de alusões mitológicas, que surpreenderam o bom do Frei Bartolomeu Ferreira, primeiro e benigno censor «per mandado da santa e geral inquisição», e escandalizariam os futuros censores, apostados desde então em ocultar todas essas nudezas de deusas e ninfas mitológicas, todos esses «choros mimosos» que se evolavam do jardim de delícias da Ilha dos Amores, chegando mesmo a banir todo um canto por o considerarem absolutamente imoral...

Tomando a primeira viagem de Vasco da Gama à Índia como pretexto, o Poeta quis evocar toda a nossa história até ao seu tempo, pelo que se teria tornado obra fastidiosa como tantos poemas posteriores, se o seu génio não o levasse a enxertar nela episódios que constituem exactamente o melhor que ela contém: o de Inês de Castro, o dos Doze de Inglaterra, o do Adamastor, o da Ilha dos Amores, em que o grande poeta lírico, um dos maiores de todas as literaturas, deu largas à sua fantasia, criando pequeninas obras-primas, sem as quais o seu poema breve teria esquecido.

A sua erudição nas letras divinas e humanas é grande, assombrosa mesmo se tivermos em conta a vida agitada que Camões levou, até quando estudante ao que se crê. Mas por vezes o seu gosto claudicava, como quando no canto X põe Tétis, a ninfa senhora da Ilha dos Amores, a descrever ao Gama o sistema do Mundo, ainda conforme ao velho Ptolomeu.

Como seria possível a um estudante liceal compreender uma obra destas, encontrando-se completamente falho de conhecimentos e até de inteligência adulta para o poder fazer? *Os Lusíadas* não são para ser lidos por toda a gente, não sendo o vulgo inculto capaz de lhes absorver toda a beleza e alcance patriótico. Crer que entregar o livro a um jovem do Curso Geral dos Liceus sem mais nada para o auxiliar, muitas vezes agravado o facto com a docência de um mestre rabujento e sem simpatia comunicativa, é uma ilusão que só pode levar a um beco sem saída.

Se grande parte das estâncias em que vibra o clangor do patriotismo do Poeta podem ser razoàvelmente compreendidas e sentidas pelo leitor médio, a verdade é que muitas mais são incompreensíveis sem prévia preparação, que deve ser sentida para chegar ao objectivo desejado. Mas hoje, com o gosto completamente alterado em relação ao passado, será muito difícil levar os jovens a aproximar-se do livro célebre sem lhes provocar o fastio a breve trecho.

Se um espírito adulto e culto saberá encontrar no poema a beleza que o penetra e coloca ao mesmo nível d'*A Divina Comédia*, do *Rolando Furioso*, d'*A Jerusalém Libertada*, d'*O Paraíso Perdido*, a sua divulgação entre as camadas menos cultas e entre os jovens só deveria fazer-se oralmente e por meio de prelecções e palestras, em que se salientassem essas belezas; passando em claro as estâncias prosaicas, em que o génio camoniano dormitou como o bom Homero, esses prelectores deveriam explicar aos seus ouvintes todos os pontos do poema de onde pode ressumar uma lição de beleza imortal.

Como se explica, portanto, a sua sobrevivência? Quanto a mim, creio que ela só foi possível pelo entusiasmo despertado entre as gentes cultas, que, depois, oralmente, o comunicaram às outras, não sendo de aceitar que analfabetos pudessem sequer abordar o poema, ou que os incultos estivessem em condições de o compreenderem de ponta a ponta.

É que os indivíduos instruídos possuíam no tempo uma cultura clássica que então a escola portuguesa ainda transmitia, só assim podendo aceitar-se que compreendessem as numerosíssimas alusões do Poeta à Mitologia e à História clássica. E foi o entusiasmo desses que se comunicou às gentes humildes, mais versadas nas profecias do Bandarra, expressas em linguagem terra-a-terra que logo assimilavam sem dificuldade.

Foi o século XIX que levou *Os Lusíadas* ao nível em que hoje o poema se encontra, começando logo nos começos da centúria com a riquíssima edição ilustrada do Morgado de Mateus, continuando com o poema de Garrett e culminando com a acção dinamizadora de Teófilo Braga.

A sua leitura obrigatória por sucessivas gerações de estudantes, se não contribuiu para fazer amar o poema, teve ao menos o condão de o não fazer esquecer.

Se pessoalmente me parece muito mais bela a obra lírica de Camões do que a sua obra épica, também sou levado a crer que superior ao seu poema foi a sua própria vida, ou, pelo menos, aquele pouco que dela se conhece.

Marginal da sociedade do seu tempo, volteiro e brigão, inconformista e contestatário, ele é bem o símbolo da instabilidade psíquica dos Portugueses, homem que perseguiu um alto ideal, que desprezou as pequeninas coisas práticas da vida para se lançar de cabeça nas aventuras mais estranhas, «mãos rotas» que nunca se sentiu capaz de juntar ao menos um pecúlio, ao ponto de, nas vésperas de regressar do Oriente a Lisboa, viver «tão pobre que comia de amigos», como dele escreveu o seu amigo Diogo do Couto.

Nesta hora centenária que o país está a viver, rememore-se, sim, a sua obra famosa, como a que no passado soube transmitir aos que a leram esse frémito patriótico que tornou possível o golpe feliz de 1 de Dezembro de 1640.

Mas não se esqueça o homem que a escreveu e que teve no seu tempo



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O «Pow-Wow» do Velho Lobo

O Escoteiro sabe que sem disciplina nenhuma sociedade pode subsistir. O próprio homem primitivo, ainda mal diferençado do animal e, portanto, todo entregue aos instintos, sabia muito bem que, sem se submeter a determinadas limitações, jamais poderia aproximar-se do animal de cuja carne precisava. Inconscientemente, ele tinha a noção exacta de que se tornava necessário conhecer os hábitos do cavalo selvagem para o caçar, do porco montês, da rena ou do auroque para o matar. A necessidade fisiológica do alimento impunha-LHE uma disciplina que ELE *livremente* aceitava, porque não o fazer seria prejudicar-se a si próprio.

Comecemos por nos impor uma disciplina, criando para nós um método ou norma de vida. Aceitemos, a seguir, as limitações que a Natureza e a Sociedade impõem à nossa liberdade. Desconfiemos dos improvisadores, tão comuns no nosso País, e recordemos que, no passado, sem uma disciplina férrea que os Portugueses se impuseram, jamais seria possível a grande epopeia dos Descobrimentos.

É essa obediência consciente que distingue o homem livre do escravo; é essa obediência raciocinada que deve caracterizar o Escoteiro, homem livre, construtor de uma sociedade livre, que a si próprio se impõe livremente uma disciplina, sem a qual nenhum povo conseguiu jamais sair do estado gregário de rebanho.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

---

a inimizade de quase todos os felizes da fortuna, a inveja dos poetas cortesãos que buscavam a riqueza através da lisonja e da adulação, dos «videirinhos» que iam à Índia para enriquecer depressa e por qualquer processo, todos desprezando o Poeta sonhador que sentia dentro de si arder perenemente uma chama, essa «fúria ardente e sonorosa», que ele ia traduzindo em versos grandíloquos e de que resultaram *Os Lusíadas*.

Aceitemo-lo tal como ele foi, sem o elevarmos a um altar a que ele, se vivo fosse, se recusaria a subir e ao qual, aliás, ninguém no seu tempo o elevaria, mesmo considerando os tristíssimos últimos dias da sua vida.

Saibamos compreendê-lo como homem, que o foi como qualquer de nós, com as suas virtudes e os seus defeitos, tipo acabado do homem do Renascimento, que teve dois elevados ideais a que tudo sacrificou: a Mulher e a Pátria, que amou acima de tudo, aquela com o amor sensual de um verdadeiro pagão, esta com o amor místico que um renascentista italiano votaria à sua Madona.

UMA CAMPANHA EM MARCHA

A CAMINHO DAS 200 NOVAS ASSINATURAS!

A nossa campanha de novas assinaturas está ganhando especial interesse, graças à colaboração de muitos amigos e especialmente dos grupos de escoteiros. Se as unidades escotistas continuarem a marcar a sua presença com o entusiasmo que se vem verificando, do que estamos certos, a campanha terminará por assinalável êxito.

A PRESENÇA DO GRUPO 24, DO FUNCHAL

O Grupo 24, do Funchal, é uma unidade que se deve essencialmente à fidelidade ao Movimento de antigos escoteiros que nunca desanimaram da reorganização do seu velho agrupamento. Hoje, afirma a sua presença nos Escoteiros de Portugal com entusiasmo e quis também estar presente na Campanha de novas assinaturas, tendo-nos remetido cinco, dos srs. Dr. Joaquim José Jardim Costa, Paulo César de Sousa, José Luís Ferreira Passos da Silva, José Luís Correia de Andrade e sr.ª D. Maria Judite Ascensão Gonçalves. Uma especial saudação para o Grupo 24 e um agradecimento para todos.

O GRUPO N.º 94, DE LISBOA, TAMBÉM COLABORA

O Grupo 94 — o fundador de «Sempre Pronto» — também quis marcar a sua presença no concurso e envia-nos 5 assinaturas de escoteiros do seu efectivo. Parabéns ao «94» pela divulgação do jornal junto dos rapazes. É exactamente à juventude que mais gostaríamos de dedicar «Sempre Pronto». Os escoteiros que assinaram o jornal foram os nossos amigos Mário Rui Santos, Luís Miguel Alves de Carvalho, Rui Manuel Paredes Rocha, Jorge Manuel Macedo Santos e Luís Manuel Mendes Monteiro. Um «bravo» para todos.

O GRUPO N.º 8 VOLTA À CAMPANHA!

Até agora o campeão do Concurso é o Grupo 39, de Benguela. Enviou-nos exactamente 39 assinaturas, o seu número de registo nos Escoteiros de Portugal. Mas o Grupo 8 segue-lhe na peugada. Eis que nos envia mais cinco assinaturas também de escoteiros das suas secções de Ameixoeira e Charneca: Boas-vindas aos companheiros Eduardo Jorge Francisco, António Santos Robalo, Adriano Trindade, Agostinho Gonçalves e Manuel José Fernandes Araújo. Outro «bravo!» *para os rapazes da Ameixoeira e da Charneca.*

UM NOVO GRUPO, o 27 DA AZAMBUJA, PRESENTE!

O Grupo 27, da Azambuja, é uma unidade de fundação recente. Foi organizada como secção do Grupo 8, mas agora é independente e devidamente registada nos Escoteiros de Portugal. Compareceu no concurso com a assinatura da sr.ª D. Maria Rosa Pereira Soares, a quem apresentamos o nosso agradecimento. Foi apenas uma assinatura, mas agradecemos de igual forma porque expressa o desejo de colaborar. Fazemos votos pelos progressos do «27».

Depois destas 16 assinaturas atingimos 149 novas assinaturas. Vamos fazer uma esforço para atingir as 200 ràpidamente? Quem vem em nossa ajuda?

UM GRANDE AMIGO DOS ESCOTEIROS

Alguns aspectos da vida do Duque de Windsor

A morte do Duque de Windsor, ocorrida em 28 de Maio último, veio pôr termo à carreira de uma das mais estranhas figuras da actualidade da alta sociedade europeia.

Para nós, escoteiros, o acontecimento também merece ser devidamente assinalado, visto que o antigo rei Eduardo VIII era um fervoroso admirador do movimento escotista, a cujas fileiras pertenceu.

Filho mais velho do rei Jorge V, estava-lhe, por esse motivo, reservada a sucessão no trono britânico. Eduardo Alberto — era este o nome do príncipe — começou por receber a educação severa e clássica própria do herdeiro da Coroa, educação que observava rigidamente os princípios de austeridade característicos da época vitoriana.

Segundo se depreende da consulta dos documentos que narram as relações de Jorge V com o seu filho mais velho, aquele não morria de amores pelo primogénito. E o próprio Eduardo Alberto que, nas suas memórias, aludindo à nótula, que o pai escrevera no seu diário em 23 de Junho de 1894: «*Nasceu-nos hoje um menino encantador...*», tece o seguinte comentário: «*Convenço-me de que foi essa a última vez que meu pai me dedicou tão amável qualificativo...*»

Ia o jovem príncipe nos sete anos de idade, quando, com o falecimento da rainha Vitória, chegava ao termo o mais longo reinado da história do Império Britânico, reinado em que este atingira o seu máximo de esplendor.

A firmeza de carácter da rainha e a sua vida exemplar, caldeada através da experiência adquirida em longos anos, incutiram no povo britânico sentimentos muito pronunciados de respeito pela monarquia, os quais haviam de perdurar nas décadas seguintes. Era tal a austeridade que a soberana imprimia mesmo aos seus actos quotidianos, que, mais tarde, Eduardo confessava que a bisavó sempre lhe infundira medo.

Baden-Powell refere-se, pela primeira vez, ao jovem príncipe, quando este, ainda de tenra idade, acompanhou seus avós, o rei Eduardo VII e a rainha Alexandra, na cerimónia do castelo de Balmoral em que foi conferido ao fundador do Escotismo o grau de oficial da Ordem do Banho e a medalha da Guerra Sul-Africana.

Sujeito ao regime severo de educação, Eduardo Alberto, depois de confiado a preceptores seleccionados, entrou mais tarde para a Escola Naval. Pouco a pouco, Eduardo Alberto, ou David, como era conhecido entre os seus, revelava um temperamento rebelde e pouco adaptado aos convencionalismos que o protocolo real previa para comportamento de um príncipe real. Algumas das suas atitudes ganharam mesmo foros de escândalo e foram até censuradas por seu pai, pois denotavam um espírito nada conforme aos preceitos zelosamente defendidos na corte.

Mas não antecipemos.

A morte de Eduardo VII, em 1910, e a consequente subida ao trono de Jorge V, fez com que Eduardo Alberto herdasse vários títulos, entre os quais o de Duque de Cornualha. Ao contrário do que normalmente se pensa, o primogénito do rei da Inglaterra não recebe automàticamente o título de Príncipe de Gales, o que acontece só no caso de o soberano o julgar digno de tal honra. Foi este o motivo por que, só mês e meio após o passamento de Eduardo VII, o novo rei decidiu outorgar ao seu herdeiro essa honraria, o que denuncia que houve hesitações nessa decisão...

O jovem príncipe é nomeado Escoteiro-Chefe do Principado de Gales

O recebimento do título de Príncipe de Gales veio trazer novas e maiores responsabilidades a Eduardo Alberto. Entre elas, talvez não seja de somenos a sua nomeação, no ano seguinte, para o cargo de escoteiro-chefe geral do Principado de Gales, lugar que ele desempenhou, com desvelo, até à subida ao trono, em 1936.

Cursando a Universidade de Oxford, o príncipe foi obrigado ainda a estabelecer aquele género de contactos próprios de uma pessoa que iria ocupar o trono britânico, pelo que efectuou diversas viagens a vários países da Europa.

O Príncipe de Gales, sempre muito activo, desempoeirado, desportista convicto e grande amigo da juventude, seria naquele tempo, e ao nível das suas funções, um contestário, se o termo já então fosse usado na acepção actual.

Durante a Grande Guerra quis a todo o transe combater nas primeiras linhas, no que foi contrariado por Lorde Kitchener. Só mais tarde realizaria o desejo, permanecendo algum tempo na frente. Nas suas memórias, o príncipe registaria, mais tarde, a respeito dessa guerra: «*Foi no decurso desses quatro anos que descobri não só a minha humanidade mas também a coragem de que sou possuído*».

Terminada a conflagração que ensanguentou a Europa, outros deveres esperavam o Príncipe de Gales, como o de ajudar o pai nas suas funções de soberano. Inaugurações, visitas às grandes cidades da comunidade, cerimónias, viagens através do império eram apenas algumas das missões que lhe eram destinadas. Também os escoteiros passaram a contar com a sua presença nos acontecimentos mais relevantes. Nessas ocasiões, lá comparecia o jovem príncipe, envergando o uniforme escotista e acampando entre os escoteiros.

Diversas manifestações do Príncipe de Gales de interesse pelo nosso Movimento

O 1.º Jambori Mundial, que se realizou em 1920, em Olímpia, Londres, levou a associação britânica quase à bancarrota, pois foi tal o êxito que tudo foi ultrapassado, inclusive as despesas! O défice de 16 437 libras só foi coberto graças a um apelo de Príncipe de Gales, de que se obtiveram vinte mil libras.

Nas suas deambulações pela Grã-Bretanha e através do império, teve o Príncipe de Gales muitas oportunidades de infringir o protocolo, dado o seu carácter lhano e o feitio desprendido. Não era invulgar ver-se o jovem príncipe sair do palácio de Buckingham a pé e atravessar as ruas de Londres com um chapéu de chuva na mão, transgredindo em absoluto tudo o que os convencionalismos régios determinavam.

Um episódio passado com os escoteiros ilustra bem o carácter informal do príncipe. Durante a sua visita a uma pequena cidade sul-africana, os escoteiros quiseram prestar-lhe homenagem. Para tal, organizaram uma parada, com grande cerimonial, como impunha o protocolo para tão distinta personalidade. O príncipe, ao ver os escoteiros em atitude de tanta rigidez, rompeu as fileiras e, abraçando os rapazes, destroçou completamente a formatura. A homenagem continuou no meia da mais franca e alegre camaradagem, própria de verdadeiros escoteiros.

Em 1924, realizou-se um Jambori imperial em ligação com a grande Exposição Imperial. Cerca de mil escoteiros de 25 territórios da comunidade ali estiveram presentes, entre os dez mil da mãe-pátria.

O famoso estádio de Wembley, perto do acampamento, foi o cenário de diversas cerimónias e demonstrações. O Príncipe de Gales não só assistiu a estas festividades, como passou também uma noite no acampamento e presidiu ao fogo de conselho.

Outro acontecimento que revela o interesse de Eduardo Alberto pelo escotismo foi quando a *Boy Scouts of America*, em 1926, criou o alto galardão do «Búfalo de Prata» e agraciou com ele Baden-Powell. A segunda pessoa a receber tal honraria, em forma de estatueta, foi o *escoteiro desconhecido*, esse rapaz que, em 1909, guiou até ao hotel o americano William D. Boyce, que se havia perdido em Londres por causa do nevoeiro. Quando o americano ia recompensá-lo, o rapaz recusou delica-

Continua na pág. 7



O Príncipe de Gales, durante a visita ao Jambori da Maioridade, contactou com escoteiros de todas as cores e religiões ali presentes, procedimento que aliás se harmonizava com os princípios que ele próprio defendia. Vemo-lo aqui a conversar com escoteiros da Palestina na presença de Baden-Powell.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



PARA TI, IRMÃO ESCOTEIRO

Amabilidade



De várias formas se reveste a amabilidade. Porém, no escotismo essa mesma amabilidade é demonstrada por uma acção quotidiana, realizada individualmente por escoteiros: a BOA ACÇÃO.

Quando um escoteiro percorre o campo, ou a cidade, a vila ou uma aldeia, demonstra estar sempre pronto e amável a prestar qualquer serviço que lhe seja solicitado. No entanto, nem todos assim procedem, conforme já tenho observado. Porquê ? poderão explicar-me ?

Tu... jovem escoteiro, quando estás fardado, irradias amabilidades para as pessoas. Porém, ao despires a farda, esqueces quanto foste amável e possìvelmente mostrarás uma cara carrancuda e pouco optimista. Porquê essa maneira de proceder? Porque não és amável sempre, fardado ou não fardado? Não és o mesmo? És... Por isso a tua pessoa não mudou, só os teus preconceitos, mas esses têm de ser anulados, porque repara que nem sempre vês os teus Chefes mudarem de face quando despem a farda. Porque não segues os conselhos deles?

Ser amável nada custa a ninguém e a nós muito menos, porque nos ensinaram a sê-lo. Nem só o devemos ser quando fardados, mas, mesmo sem farda, devemos inclusive praticar a BOA ACÇÃO diária, como é devido.

Lembra-te que em qualquer instante da tua vida és e continuarás a ser escoteiro. Procede sempre de coração alegre e sorriso aberto, e serás sempre amável para todos.

Se assim procederes, continuas a engrandecer o movimento, despertando simpatia nas pessoas que lhe são estranhas.

GAMO LIGEIRO

ESCUTA: GUIA DE PATRULHA!

Limpeza do Campo



O tempo permitiu que realizasses vários acampamentos.

Não sei se o que te vou dizer se passa com a tua patrulha, mas que o já tenho notado em muitas patrulhas é uma verdade.

Verifico que o local utilizado para o acampamento fica conspurcado de detritos, papéis, fossas mal tapadas e outras coisas mais.

Não gostaria de os comparar com algumas pessoas que frequentam os nossos parques de merendas e que tudo lançam para o solo, desde os jornais e plásticos com que embrulham tachos e marmitas, aos restos de comida, como ossos, cascas de ovos e fruta, cozinhados diversos, que não só atraem moscas e formigas, como impossibilitam outras pessoas de utilizar depois esses locais.

O Parque Florestal do Monsanto, principalmente na zona de Monte Claros, é flagrante exemplo, mau exemplo, de sujeira, mesmo em sítios onde abundam caixotes para o lixo.

Os escoteiros têm que ser exemplo de limpeza e civilidade, por isso renegam os maus princípios de sujar aquilo que não é nosso ou, por outro lado, aquilo que a todos pertence.

Como vocês acampam, por certo, em locais que lhes são cedidos, não devem deixar no local do acampamento o mais leve sinal da estadia.

Procedendo assim, obterão, com certeza, de novo, permissão para ali voltarem.

Mas se fizerem barulhos e lixeira, então o dono do local não só lhes recusará nova autorização de acampar, como olhará todos os escoteiros com antipatia.

Baden-Powell definiu bem o que os escoteiros devem deixar no sítio onde acampam:

— Nada.

— Agradecimento ao dono do terreno.

É isto que eu gostaria que a tua patrulha fizesse, ainda que acampasse simplesmente no Campo-Escola da Caparica.

A. I.

ESCOTISMO E DESPORTO



Desde os tempos remotos das primeiras civilizações, o desporto tem sido o meio mais simples de enriquecimento físico dos povos. Através dele, esses mesmos povos encontraram formas várias de preparar elementos para as guerras. Também mais bàrbaramente foi utilizado para morticínio de escravos nas arenas da Roma antiga. Houve milhares de desportos que deliciaram os seus adeptos. No entanto, na grande maioria a sua função era destruir. Actualmente os desportos só devem ser usados com fins benéficos e nada perniciosos.

No Escotismo, é bem evidente a sua importância como método de Educação. Nele, todos os desportos se revestem de especial interesse, nos acampamentos ou «raids» e são aceites por nós de bom grado.

De momento, porém, as nossas actividades desportivas resumem-se a torneios, competições ou disputas, dentro dos Grupos, notando-se uma falta de união entre todos de modo a formar actividades a nível nacional.

Que se passa com a organização desportiva da Associação? Esmoreceu ou desistiu? Gostaríamos de saber!

Será a culpa da pouca afluência de escoteiros, ou da pouca paciência dos Chefes?

O que está à vista é que houve esmorecimento, mas nem por isso todos os rapazes desanimaram e, para esses que desejam lançar ideias ou querem que lhas puxem, há que dar incentivo.

Jovens amigos, não desprezemos algo que possa contribuir para o engrandecimento do movimento. Acatemos de bom grado as novas ideias que nos possam ser dadas, ao mesmo tempo que procuramos lançar as nossas.

Tu, irmão, necessitas de novas coisas que despertem o teu interesse, mas para isso é preciso o teu próprio contributo.

Continuar a ter desporto no escotismo é ter fé no progresso; mas esmorecer nessa mesma fé é aniquilar o esforço de desportistas.

GAMO LIGEIRO



Os 59 anos do Grupo N.º 7 do AEP

«Lis de Agradecimento», prata, para o presidente do Grupo, Dr. Manuel de Carvalho

No passado dia 28 de Maio, festejou o grupo n.º 7 o 59.º aniversário da sua fundação.

Com o salão nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, a que aquela unidade está anexa, quase totalmente repleto, deu-se início à sessão solene comemorativa da efeméride.

Na mesa de honra, presidida pelo Dr. Manuel Carvalho, encontravam-se membros da direcção do grupo, o escoteiro-chefe geral adjunto, Eng. Nobre Santos, e o pároco da freguesia.

Abriu a sessão, o chefe do grupo, Dr. Armando Carlos, fazendo a leitura da Ordem de Serviço e agradecendo a presença dos grupos de escoteiros, familiares e amigos.

Após aquelas palavras, foram chamados diversos escoteiros aos quais foram entregues prémios de concursos que o grupo realizou durante o ano.

Culminou a sessão solene com a entrega, pelo Eng. Nobre Santos, da medalha «Lis de Agradecimento», prata, ao sr. Dr. Manuel de Carvalho, presidente do grupo e da Corporação dos Bombeiros Lisbonenses, que tanto tem contribuído para que o «Sete» seja uma das unidades mais florescentes dos Escoteiros de Portugal.

O homenageado, surpreendido por aquela simpática prova de amizade dos escoteiros, agradeceu, declarando: *«Há momentos em que merece a pena estarmos vivos, pois se alguma coisa podemos fazer é sempre com o espírito de servir o grupo e com o desejo de fazermos a felicidade dos outros. Nós, bombeiros, nunca esperamos recompensas nem condecorações e os nossos melhores momentos são aqueles em que o agradecimento vem espontâneo, desde o mais pequenino lobito que nos oferece o seu serviço, ao sénior que nos aperta efusivamente a mão»*. Mais adiante, concluiu: *«O lema desta casa é fazer tudo por todos e, portanto, eu e os meus colegas de Direcção, estamos empenhados em dar todo o apoio e estamos «sempre prontos» para servir o grupo 7 e também qualquer grupo da A. E. P. que das nossas instalações necessite»*.

Brilhante ovação atacou o final das palavras do Dr. Manuel de Carvalho, que, por sua vez, fez a entrega, ao chefe Miguel, do diploma de mérito com que os Bombeiros Lisbonenses distinguiram os seus serviços.

Terminada a sessão solene, seguiu-se uma parte recreativa, tendo os escoteiros posto em prática toda a sua habilidade artística.

Finalmente, no Ginásio da Corporação, prestaram compromisso de honra os escoteiros Rui Guilherme de Abreu Sequeira Dias e Jorge Manuel de Freitas, que ingressaram numa patrulha de estudos.

A. I.

Grupo N.º 8

Nova sede para a secção da Ameixoeira

No passado dia 11 de Junho, a secção da Ameixoeira desta brilhante unidade dos Escoteiros de Portugal inaugurou a nova sede.

Pelas 10 ½ horas deu-se a concentração dos escoteiros do Grupo n.º 8 com as secções da Charneca, Ameixoeira e Febo Moniz. Presentes também escoteiros do CNE (Penha de França), acompanhados pelo chefe João Francisco e ainda escoteiras da Sagrada Companhia de Guias da Penha de França, num total de 60 elementos.

Presentes também muitos familiares de escoteiros, o nosso director, que se fez acompanhar por sua esposa e neta, o escoteiro-chefe geral adjunto da AEP, Eng. Nobre Santos, e ainda, o Rev. P.e Paixão, assistente espiritual daquela secção.

Pelas 11 horas, o chefe João Constantino convidou o Eng. Nobre Santos a cortar a espia simbólica que vedava a entrada do recinto da sede, tendo os escoteiros saudado efusivamente aquele acto.

Seguidamente, efectuou-se uma visita à nova sede, tendo o chefe João Constantino, em palavras breves, historiado o trabalho ali realizado.

Com efeito, aquela secção encontrava-se instalada, provisòriamente, dentro do edifício da igreja, o que, de certo modo, transtornava os serviços religiosos quando simultâneos com as reuniões ou outras actividades. Conseguiu-se uma casa pré-fabricada que, erguida nos terrenos anexos à igreja, serve agora como sede daquela secção.

Deve-se ao Rev. P.e Paixão a iniciativa da aquisição da casa e aos escoteiros e famílias, a construção da mesma, salientando-se o denodado esforço do chefe de Tribo sr. António dos Santos Robalo que entusiàsticamente deitou mão à obra para montagens e decorações.

Depois da introdução do chefe Constantino, os escoteiros prestaram significativa homenagem, fazendo descerrar uma fotografia do P.e Paixão, o qual, visìvelmente comovido, agradeceu aquela prova de amizade.

Falou de seguida o Eng. Nobre Santos que, em nome da Direcção da AEP, galardoou o P.e Paixão com a medalha *«Lis de Agradecimento»*, classe prata, com que aquela entidade decidiu premiar o trabalho daquele assistente espiritual.

Após um vibrante *«Bom Companheiro»*, cantado por todos os escoteiros, o P.e Paixão agradeceu aquele galardão, afirmando que apenas cumprira o seu dever e, portanto, não se julgava merecedor de tal honra, mas via naquela atitude a recompensa do trabalho que todos realizaram.

Terminada aquela singela cerimónia visitou-se a «Torre das Patrulhas», construção executada com troncos de árvore, ao lado da sede, e que serve para as patrulhas se reunirem.

Finalmente, concluindo o acto da inauguração da sede, realizou-se o içar das bandeiras, tendo os escoteiros assistido ao acto religioso que se realizou na igreja.

A. I.

Dr. Mário da Silva Jacquet

Na notícia que publicámos no último número sobre a morte deste distinto clínico e antigo escoteiro, dissemos que a sr.ª D. Maria da Luz Jacquet Bacharel era sua filha, quando efectivamente é sua irmã.

Pedimos que nos relevem o lapso.



Um jogo nocturno

O Núcleo do Porto realizou em 27 de Maio passado interessante actividade nocturna, um jogo que teve o título de «À Procura do Selo», e se disputou por patrulhas. Cada Guia recebia uma carta com metade de um selo e dados acerca de um suspeito que seria portador da outra metade do selo. O jogo foi muito animado e o público acolheu muito bem os escoteiros quando interrogado se teria a outra metade do selo. Participaram os Grupos 14, 15 e 17.

O Grupo N.º 17 acampou com o 9.º Agrupamento do C. N. E.

A convite desta unidade do C. N. E., o «17» acampou em Campanhã nos dia 20 e 21 de Maio passado, tendo-se disputado um animado concurso entre 11 patrulhas concorrentes, tendo ganho o 2.º lugar a «Falcão» do grupo visitante.

Escoteiros deste grupo realizaram um *raid* e bivaque a Beloi, para provas da especialidade, em 28 de Maio, actividade que se repetiu em 1 de Junho com outro *raid* a Esmoriz.

Comemorações do Dia da Raça

O Núcleo esteve presente nas cerimónias que se efectuaram em 10 de Junho, tendo assistido à imposição de medalhas aos militares galardoados e ao desfile das tropas.

Agrupamento N.º 210 do C. N. E.

A convite do Agrupamento 210 do C. N. E., o «17» da A. E. P. e os n.os 12, 27, 67 e 112 do C. N. E. acamparam em 10 e 11 de Junho em Oliveira do Douro, tendo havido fogo de conselho e velada de armas de novos escutas.

No dia 11, logo após o hasteamento da bandeira nacional, as unidades acampadas assistiram na igreja de Quebrantões à missa dominical e compromisso de honra de novos escutas, tendo desfilado depois até ao local do acampamento. De tarde, efectuou-se animadíssima festa de campo.

No Eterno Acampamento

Foi muito sentido o falecimento do antigo escoteiro e guia diplomado José Henrique Vilaça. Todos os grupos do Núcleo do Porto fizeram representar no funeral, que constituiu uma expressiva homenagem ao nosso irmão-escoteiro.

C.

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Nascimento — Estão de parabéns os nossos amigos sr.s D. Maria Manuela Sá Viana Vidigal e sr. João Manuel Vidigal pelo nascimento em 2 de Maio passado do seu primogénito, o Miguel Pedro, a quem formulamos votos de muitas felicidades. Mas os nossos parabéns vão igualmente para os felizes avós, o nosso querido amigo e assinante desde a primeira hora sr. Manuel P. Sá Viana e sua esposa, sr.s D. Maria Alexandra.

Um grande amigo dos escoteiros

Continuação da pág. 4

damente a gratificação, dizendo que procedia assim porque era escoteiro.

De tal maneira Boyce ficou impressionado com a atitude do rapaz que, por nunca ter ouvido falar de escoteiros, sentiu enorme curiosidade pela organização. Tendo entrado em contacto com a Associação britânica, esta pôs à sua disposição tudo quanto havia publicado sobre o movimento.

Regressado aos EUA, Boyce levou a cabo a organização da associação dos escoteiros americanos em 1910.

Pois foi esse rapaz desconhecido que os escoteiros americanos galardoaram, numa cerimónia realizada em Gilwell Park. O Príncipe de Gales, em nome dos escoteiros britânicos, recebeu a estatueta das mãos do embaixador americano, na presença do Fundador.

O Príncipe de Gales num grande momento do Escotismo

Porém, não ficariam por aqui as manifestações de apreço do Príncipe de Gales pelo nosso movimento.

Em 1929, realizou-se em Arrowe Park, Birkenhead, na Inglaterra, o Jambori da Maioridade, acontecimento de grande relevo, não só no domínio escotista, como também à escala mundial.

Ali compareceu um bom contingente de garbosos escoteiros portugueses, que muito honrou o nosso país.

Nos dias 1 e 2 de Agosto, o Príncipe de Gales visitou o Jambori, como representante de seu pai, o rei Jorge V.

O jovem príncipe fez a leitura da mensagem que seu pai especialmente dedicava aos escoteiros acampados no Jambori, durante a qual dava conhecimento da decisão de conferir ao Fundador do Escotismo a dignidade de par do reino, dessa forma o tornando barão. Como se sabe, Baden-Powell escolheria depois o título de Lorde Baden-Powell of Gilwell.

Enquanto o príncipe fazia a leitura da mensagem real, os milhares de escoteiros e visitantes mantiveram-se tensos. Porém, quando a leitura se concluiu, um verdadeiro pandemónio, um disciplinado pandemónio, como referiu um jornalista presente, se produziu em todo o vasto auditório. Com certeza que os nossos leitores que fizeram parte do contingente de Portugal e que tiveram ensejo de viver o histórico acontecimento, o estarão agora recordando.

Após a leitura da mensagem, o Príncipe de Gales pronunciou um discurso que ficaria célebre nos anais do nosso movimento. Eduardo Alberto, bastante jovem ainda, mostrou-se profundo conhecedor do método escotista e dos ideais que o movimento visa. A sua oração foi um autêntico hino de louvor ao Escotismo e demonstrou os elevados princípios da formação do futuro rei.

Como era seu hábito, Eduardo Alberto acampara nessa noite no Jambori, depois de ter visitado os vários subcampos e assistido a diversas cerimónias e espectáculos.

A subida ao trono e o seu afastamento

Com a morte de Jorge V logo no início de 1936, precipitam-se os acontecimentos que assinalam o meteórico reinado de Eduardo VIII.

Não obstante num jornal trabalhista escrever-se que ele seria o mais popular dos reis, a carreira do novo soberano depressa sofreria as reveses da fortuna, pela pouca maleabilidade de Eduardo VIII ante as obrigações que lhe impunham.

O romance de amor do soberano com a sr.ª Bessie Wallis Warfield Simpson, americana, duas vezes divorciada, é apontado como o grande responsável pela abdicação. Porém, o testemunho de quem viveu esses acontecimentos pretende fazer crer que a sr.ª Simpson talvez não tivesse sido o motivo, mas apenas o mero pretexto do abandono do trono. E que, referem esses, Eduardo VIII não se mostrava possuidor das características necessárias para assumir o papel de um monarca constitucional daquela época. Muitas das suas atitudes, por um lado, escandalizavam uma corte que acabara de viver o longo período vitoriano; por outro, feriam as altas esferas da política britânica.

Eduardo VIII, em determinada altura, não se coibiu de confessar diante dos amigos que tinha visto certas coisas que o envergonhavam de ser inglês.

Noutra ocasião, na visita a uma cidade operária do norte, recusou mostrar-se dentro do seu *Rolls-Royce*, porque não queria insultar a pobreza daquela população.

Durante uma visita aos mineiros desempregados da Gales do Sul, ficou célebre a sua frase: «*É urgente fazer qualquer coisa por estes homens*», que muito escandalizou os seus ministros.

Foi efectivamente esta maneira de ser que viria a impor a sua renúncia ao trono? Tudo é possível, mas deixemos o problema à conta dos historiadores e dos controversistas.

Após a abdicação, Eduardo VIII tornado Duque de Windsor, seguiram-se os 36 anos de vida em comum com a sr.ª Simpson, que desposaria em 1937.

Os Duques de Windsor tornar-se-iam o alvo das atenções da sociedade elegante e a curiosidade dos mais humildes pela auréola romântica que rodeava as suas vidas. Frequentaram as reuniões mais distintas, viajaram, contactaram com nomes grandes da vida internacional. Durante a Guerra Mundial, o Duque foi governador das Bahamas. Amante de desportos, escreveu mais tarde as suas memórias e dedicou-se à jardinagem, como convém àqueles a quem os anos começaram a pesar. Em tudo, procurou evitar que fosse criada qualquer dificuldade a seu irmão Jorge VI, o que parece ter conseguido.

Estabelecendo-se em Paris, perto do Bosque de Bolonha, os Duques passaram aí dias tranquilos. A morte de Eduardo Alberto encheu de tristeza as pessoas que o viam flanar pelas alamedas do Bosque. «*Todos gostávamos muitíssimo dele* — disse um porteiro de uma casa próxima. — *Era um homem com um aspecto impressionantemente nobre. O péssimo tempo dos Invernos parisienses deprimia-o, mas assim que o sol voltava, imediatamente vinha passear os seus cães*».

Uma professora inglesa, estabelecida em França desde 1937, confessou: «*Falo em nome daqueles que sentem a enorme dor pelo passamento de uma personalidade verdadeiramente grande do nosso tempo. Talvez muitos de nós tivéssemos sido demasiado duros com sua alteza quando abdicou. Mas a verdade é que me convenço de que, como rei, viria a ser uma figura ímpar na história da Inglaterra*».

Era assim este homem, cuja vida, se não foi tocada pela tragédia, foi com certeza abalada por momentos de verdadeira angústia.

Os escoteiros perderam nele um homem que honrou o nosso movimento, que bem o compreendeu e o soube servir.

O Coronel Wilson fala do Príncipe de Gales

Calcutá recebeu a visita do Príncipe de Gales. Oficialmente, tive imenso que fazer para cuidar da sua protecção. Extra-oficialmente, emprestei-lhe o meu cavalo de oficial da Polícia para ele entrar numa caçada. Também colaborei na concentração dos escoteiros e guias postados junto ao Palácio do Governo, onde o príncipe lhes passou revista.

Aquela manhã deu bem ideia do meu papel duplo: representações da Polícia de Calcutá, das brigadas de Bombeiros, a que eu também pertencia, a Legião Britânica, a Cruz Vermelha, todas estavam em parada. No lado ocidental do Palácio do Governo estava eu de grande uniforme de oficial da Polícia, para escoltar o príncipe.

Concluída a revista aos Bombeiros e Cruz Vermelha, dirigi-me ràpidamente ao gabinete do secretário do Governador e ali larguei o uniforme da Polícia e enverguei o de escoteiro-chefe (Comissário distrital) e fui num ápice colocar-me na parte oriental, onde os escoteiros se encontravam. O príncipe manifestou a sua surpresa pelo meu desembaraço.

Sua alteza interessava-se de facto pelo Escotismo. Voltei a encontrar-me com ele no Jambori imperial de Wembley, em 1924, em Gilwell Park, em 1926, e no Jambori da Maioridade, em Birkenhead, em 1929. Em todas estas vezes, o príncipe recordou o que se havia passado em Calcutá, demonstrando o excelente dom da família Windsor de recordar pessoas e factos, mesmo que se tivessem passado muitos anos sobre eles.

Quando o príncipe passou a noite em Arrowe Park — 1 de Agosto de 1929 — ao representar seu pai, o rei Jorge V, no Jambori, o seu ajudante veio ter comigo para dizer que precisava de um distintivo para o príncipe usar no uniforme, em virtude de se ter esquecido de trazer o dele.

Emprestei-lhe o que me fora ofertado por sir Alfred Pickford ao receber o meu compromisso de honra, em Calcutá, doze anos antes. Recomendei ao secretário do príncipe que não se esquecesse depois de me devolver o distintivo, porque tinha muita estima por ele.

Devo acrescentar que, apesar da recomendação, jamais o distintivo me foi devolvido.

J. S. WILSON

DA AZAMBUJA

Grupo N.º 27

Nos dias 10 e 11 de Junho, realizou-se na Quinta da Texuga, um acampamento em que participaram, além deste grupo, o agrupamento n.º 52 (CNE), de Santarém.

O acampamento foi dirigido pelo E. C. Adelino Costa e pelo E. C. A. Quinteiro, tendo-se realizado provas para escoteiros e lobitos.

Às 13 horas, foi celebrada missa na capela da quinta, oficiada pelo Rev. P.e João Carrilho.

Estiveram presentes famílias dos escoteiros acampados.

C.

ANGOLA? PRESENTE!

AUTO-ENTREVISTA

Todos nós imaginamos, por vezes, perguntas que nos poderiam fazer ao entrevistarem-nos. Pois, devido à experiência que possamos ter, embora curta, de escotismo, hoje, nesta primeira entrevista de Angola, vamos falar com os «nossos botões», como sói dizer-se.

Assim sendo, vamos encontrar o nosso entrevistado e entrevistador, sentado à mesa de uma secretária, escrevendo algo.

Perguntamos:

— *Que conhece do Escotismo AEP de Angola?*

A resposta surge com o correr da pena:

— Bem, conheço o modo de trabalhar dos três grupos de Angola. Fui chefe ajudante do 39 e depois do 36 e sempre que passo no Lobito não deixo de trocar ideias com os rapazes do 40, tanto mais que tive a honra de estar presente nesta cidade quando ali surgiu a ideia da criação de um grupo de escoteiros.

— *Qual o grupo mais antigo em Angola?*

— Todos sabem que o 36, de Luanda, é o grupo que há mais anos está em actividade. Teve seu tempo áureo nos anos 40!... Depois, tem tido altos e baixos e agora está numa fase que poderemos aceitar como proveitosa e satisfatória.

— *E os outros grupos?*

— Bem vê que o 39 e o 40 são mais novos, portanto com o «sangue na guelra», mas preocupados em não deslustrar em nada os antecedentes abertos pelos 36. O 39 tem nada mais que seis anos e o 40 está ainda no seu primeiro ano de vida.

— *Quais são as condições de trabalho dos grupos de Angola?*

— Aqui teremos de dividir a resposta em três partes:

«1.ª — O grupo 36 está anexo aos Bombeiros Voluntários Luandenses (Cruz Verde), que gentilmente cederam uma sala que já é bastante insuficiente para a prática de bom escotismo com o efectivo que presentemente conta.

«2.ª — O grupo 39, por sorte é o mais feliz: os seus escoteiros podem usufruir de uma sede independente, ampla e sóbria, com anexos que lhes permite praticarem escotismo de elevada categoria. Possui ainda um campo-escola que está em formação e que virá a ser talvez um campo apto a receber os Escoteiros de Portugal num futuro acampamento nacional. Este grupo é o que mais possibilidades tem. Apenas necessita que os seus escoteiros se entusiasmem e adquiram a perfeição técnica que as condições de que dispõem lhes colocam à mão. Em Benguela, o escotismo é compreendido pela população.

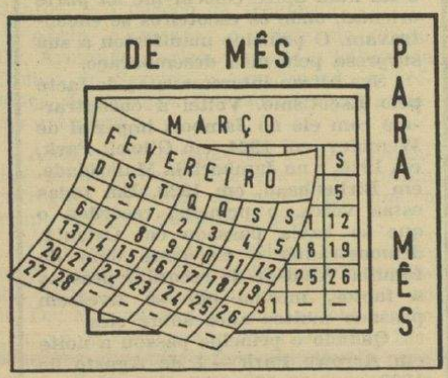
«3.ª — O grupo 40, do Lobito, surgiu por altura da tragédia das cheias do Bairro do Liro. As autoridades e a população aperceberam-se da utilidade que têm, de facto, os escoteiros, ao verem os rapazes e raparigas do 39, de Benguela, que está a 30 km. É um grupo jovem e prometedor. As condições da sua sede, anexa aos Bombeiros Voluntários do Lobito, são talvez um pouco deficientes.

«Sabe, acho que seria melhor falar em cada um dos chefes das referidas unidades, para que ficasse com uma melhor ideia do que há nesses grupos e até informar melhor os seus leitores...

Assim pousámos a caneta por instantes e resolvemos num futuro muito próximo auscultar opiniões nos grupos de Angola. Prometemos assim mais trabalho, dando informações válidas do escotismo angolano.

Entrevistado e entrevistador, numa pessoa só, apresentam saudações escotistas aos amigos e leitores de «S. P.».

JARCLOUCO



Gratidão!



O Grupo n.º 19, da Pontinha, em Lisboa, por iniciativa do seu curso de Esperanto vai promover uma homenagem à memória do antigo escoteiro e nosso saudoso colaborador Sr. Luís Simões Aurélio, que deu nome ao referido curso. A Fraternal dos Antigos Escoteiros associa-se à homenagem, pois Simões Aurélio foi um seu membro que deixou gratas recordações a todos pelo seu elevado espírito e camaradagem, pela sua cultura e serviços prestados. Bem hajam todos aqueles que sabem cultivar sentimentos de gratidão, a única recompensa que pode satisfazer todos aqueles que servem generosamente.

O Movimento Escoteiro é crisol onde ainda se manifestam sentimentos generosos, onde muitas boas vontades servem sem outro interesse que não seja ajudar o rapaz a singrar na vida. Necessàriamente que nem sempre o serviço é desinteressado, mas deveríamos estar atentos e premiar com a nossa gratidão todos aqueles que servem por abnegação, expressando-lhes a nossa admiração enquanto é tempo de se sentirem por ela recompensados de todas as canseiras.



Os escoteiros do Grupo 84, do Entroncamento, que tomaram parte no acampamento comemorativo do aniversário do Agrupamento 52, de Santarém. Da esquerda para a direita de pé: Pedro, Vítor (nosso prezado correspondente naquela vila ribatejana) e Gomes; de joelhos: Artur, Cunha, Frazão e Marchã.

EM SANTARÉM

O 24.º Aniversário do Agrupamento N.º 52 do C.N.E.

No fim de semana de 27 e 28 de Maio passado, esta florescente unidade do C. N. E., da capital ribatejana, comemorou o 24.º aniversário da sua fundação. No sábado, foi levantado o acampamento na cerca do Seminário, estando presentes os grupos 27, da Azambuja, e 84, do Entroncamento, da A. E. P., e os agrupamentos do C. N. E. n.º 44, de Tomar; 119, de Coruche; 342, de Vialonga, 65, de Torres Novas; o grupo aniversariante e a sua secção da Ribeira de Santarém. À noite, houve fogo de conselho.

De manhã, chegaram ao acampamento mais escutas de Tomar e de Lisboa, o que elevou o efectivo em campo a 150 elementos. Durante a missa, prestaram promessa novos escutas.

O almoço foi um belo momento de confraternização. De tarde, realizou-se o «I Rali Escalabitano» para disputa do Grande Prémio Baden-Powell. A conhecida prova com carros de madeira construídos por escoteiros desenrolou-se numa rampa de Santarém no meio de grande entusiasmo. A prova-gincana foi ganha pela patrulha Urso, carro, conduzido pelo escuta Manuel do Carmo Almeida; a prova de velocidade foi ganha pela patrulha Falção, carro conduzido por Francisco José P. Santos; a prova de elegância foi também ganha, como as restantes, por uma patrulha de Santarém.

As provas foram conferidas por dirigentes do C. N. E. e da A. E. P., tendo-se classificado também escutas de outros agrupamentos.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00